

ANÁLISE ÉTICA LEVINASIANA DO FILME "MENINA DE OURO"

2011

Sylvia Maria Ulisses

Estudante do curso de psicologia na Universidade Federal do Ceará, Brasil

Email:

sylviaulisses@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise do filme 'Menina de Ouro', focando o personagem Frankie Dunn e as suas relações, a partir do olhar da Ética da Alteridade, de Emmanuel Levinas.

Palavras-chave: Emmanuel Lévinas, ética da alteridade, outro

1. INTRODUÇÃO

A ética levinasiana, da alteridade radical, é fundamentada no *Outro*, por meio do tema do *rosto*. O rosto é a manifestação do outro para o sujeito, é uma significação para além dos sentidos, não é representação. A visão do rosto é a escuta e o discurso, é a consciência moral, é compreender o Outro.

Em um processo infinito, o Outro toca, afeta e desestrutura o sujeito. Não é pela via do saber que se chega ao Outro, é pela afetividade: deixar-se afetar é a condição para se constituir como sujeito. Assim, o sujeito é um ser sujeitoado, fragilizado na sua vulnerabilidade por sua condição passiva em relação ao Outro.

O apelo do outro se dá antes de qualquer intenção; ele acontece na nudez do rosto, que revela o outro em sua fragilidade. Não é por meio da arrogância que o outro me interpela, mas por meio de sua nudez estampada em seu rosto e exige de mim um ato de fidelidade e responsabilidade. (BATISTA, 2004, p. 265)

O rosto do Outro me solicita, me pede cuidado e me impõe uma responsabilidade. Dessa forma, no pensamento levinasiano, há uma obediência ética para com o Outro que antecede o ontológico. “Entendo a responsabilidade como responsabilidade por outrem, portanto, como responsabilidade por aquilo que não foi eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto.” (LÉVINAS, 1988, p.87)

A relação social, essencial para a ética, existe por meio do rosto, que se expõe integralmente e sem defesa. O rosto suscita a linguagem da justiça, ele é o infinito do Outro, é a presença do terceiro, isto é, é toda a humanidade. A justiça é a expressão ética da alteridade.

O homem ético e essencialmente justo será aquele que por sua bondade, sua plenitude antropológica, pode abrir-se ao Outro gratuitamente como outro, não por motivos fundados em seu próprio projeto de Totalidade, mas por amor que ama primeiro alterativamente: o amor-de-justiça. (BATISTA, 2004, p. 267)

Para Lévinas, é essa Ética da Alteridade, por meio do amor, da responsabilidade e da justiça, que deve conduzir as relações sociais e interpessoais. É a partir dessa visão que irei analisar o filme Menina de Ouro.

2. FICHA TÉCNICA DO FILME

Título Original: Million Dollar Baby

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 137 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2004

Distribuição: Warner Bros. / Europa Filmes

Direção: Clint Eastwood

Roteiro: Paul Haggins, baseado em histórias de F.X. Toole

Produção: Clint Eastwood, Paul Haggis, Tom Rosenberg e Albert S. Ruddy

Música: Clint Eastwood

Fotografia: Tom Stern

Desenho de Produção: Henry Bumstead

Direção de Arte: Jack G. Taylor Jr. e Jack Taylor

Figurino: Deborah Hopper

Edição: Joel Cox

Elenco: Clint Eastwood (Frankie Dunn), Hilary Swank (Maggie Fitzgerald), Morgan Freeman (Eddie Scrap-Iron Dupris), Jay Baruchel (Danger Barch), Mike Colter (Big Willie Little), Lucia Rijker (Billie "Urso Azul"), Brian F. O'Byrne (Padre Horvak), Anthony Mackie (Shawrelle Berry), Margo Martindale (Earline Fitzgerald), Riki Lindhome (Mardell Fitzgerald), Michael Pena (Omar), Benito Martinez (Empresário de Billie), Bruce MacVittie (Mickey Mack), Marcus Chait (J.D. Fitzgerald).

Premiações: Ganhou 4 Oscars, nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Atriz (Hilary Swank) e Melhor Ator Coadjuvante (Morgan Freeman). Recebeu ainda outras 3 indicações, nas categorias de Melhor Ator (Clint Eastwood), Melhor Edição e Melhor Roteiro Adaptado. Ganhou 2 Globos de Ouro, nas categorias de Melhor Diretor e Melhor Atriz - Drama (Hilary Swank). Recebeu ainda outras 3 indicações, nas seguintes categorias: Melhor Filme - Drama, Melhor Ator Coadjuvante (Morgan Freeman) e Melhor Trilha Sonora.

3. MENINA DE OURO – RESUMO DO FILME

“O corpo sabe o que os boxeadores não sabem: como se proteger.”

Frankie Dunn passou a vida agenciando e treinado grandes boxeadores e a sua maior lição para eles era: *“sempre se proteja”*. Apesar de ser um excelente profissional, Frank nunca emplacou um sucesso. Por ser muito cauteloso, preparava demais os seus lutadores, não marcava lutas mais ousadas para eles, sempre aguardando o “tempo certo”. Quando Frankie aceitava treinar um boxeador, aceitava também ser responsável por ele. Ele é um homem emocionalmente fechado e amargo. Distanciado de sua filha (Katy) há muitos anos, escreve semanalmente para ela, apesar de todas as cartas voltarem sempre com o mesmo carimbo: devolver ao remetente. O filme não mostra as razões desse rompimento.

Frankie treina seus lutadores, na sua academia de boxe em Los Angeles, que é dirigida por seu único amigo Eddie Scrap. Eddie é um ex-boxeador, que há 23 anos perdeu a visão de um olho em consequência da sua última luta. Na época, Frankie fazia parte da sua equipe, e de certa forma, se sente responsável pelo que aconteceu, pois acredita que poderia ter parado a luta de alguma maneira, salvando o olho de Eddie. E nos últimos 23 anos, Frankie foi para a igreja, assistir a missa, quase todos os dias, possivelmente desejando ter mudado o resultado daquela luta. A narração do filme é a leitura de uma carta escrita por Eddie para a filha de Frankie.

“Dizem que a coisa mais importante que um boxeador pode ter é a paixão. Frankie Diria: Mostre-me um boxeador que só tenha paixão e eu lhe mostro um homem à espera da derrota.”

O filme começa com a vitória de uma luta de Big Willie, lutador experiente de Frankie. Depois de tanto tempo de espera, o Willie resolve deixar seu cauteloso treinador, em busca do título mundial. Ele revela *“Preciso de alguém que faça as coisas acontecerem.. Você já me ensinou tudo que eu preciso saber”*. Logo depois, ele consegue ganhar o título nas mãos de um grande empresário, Mickey Mack.

Eis que surge Maggie Fitzgerald, uma garota pobre do interior determinada a realizar a única coisa que gosta de fazer na vida: lutar boxe. Inicialmente, Frankie a recusa, alegando que não treina garotas. Mesmo assim, ela se inscreve na academia dele e paga 6 meses adiantados, treinando sozinha, todos os dias, exaustivamente. Ela chama Frankie de Chefe, ele não gosta e fala para ela não chamá-lo assim, mas ela continua. Observando a sua persistência, Eddie começa a ajudá-la dando algumas dicas. Certo dia, Frankie chama a atenção dela, dizendo que alguém deveria ser honesto, revelando que a achava muito velha e que ela deveria desistir.

“Se há magia no boxe, é a magia de lutar além da resistência.. É a magia de arriscar tudo por um sonho que só você vê.”

Mesmo assim, Maggie não desistiu, continuou treinando diariamente, com todas as suas forças. Até que, no dia do seu aniversário, contando a sua história de vida, conseguiu convencer Frankie a treiná-la. Impondo uma série de condições, ele diz que irá ensinar tudo que ela precisa saber para ganhar uma luta de 1 milhão de dólares e depois irá arranjar um empresário para ela. Os resultados vieram rapidamente, pois além da determinação, ela tinha o dom natural para o boxe.

“Para fazer um boxeador, você precisa ensinar o básico. Não basta dizer a eles para esquecerem tudo o que já sabem. Você precisa fazer com que eles esqueçam de verdade. Canse-os tanto, para que só ouçam você, só a sua voz.. Para que só façam o que você diz e nada mais. Mostre como manter o equilíbrio e como desequilibrar o outro... Então, você vai precisar mostrar tudo de novo. De novo e de novo.. Até eles acharem que nasceram daquele jeito..”

Depois de intensivo treinamento, Maggie pergunta para Frankie se ela está pronta para uma luta e ele, tentando não se envolver ainda mais, resolve passá-la para o empresário Sally. Ela fica decepcionada. Em sua primeira luta, ela está perdendo e Sally não consegue ajudá-la, Frankie a

observa aflito, resolve intervir e a aceita como sua boxeadora. Maggie nocauteia a adversária e ganha à luta. Logo depois Frank a relembra da regra: proteger-se o tempo todo. E Maggie pergunta: “Você me abandonou. Como isso foi proteção?”, e depois “Você vai me abandonar novamente?”, e ele responde: “Nunca”.

A partir daí, Maggie ganha todas as lutas, sempre nocauteando no primeiro assalto, e rapidamente subiu uma categoria. Frankie passou a chamá-la de “*Mo cuishle*”. Várias propostas pelo título chegavam, mas ele sempre protelava, alegando que Maggie não protegia a face direito, que ela ainda não estava pronta.

Eddie se preocupa com o excesso de proteção de Frankie, e resolve indicar para Maggie o empresário Mickey Mack. Para Eddie, Frankie era um bom homem para se ter por perto, mas se ela queria chegar ao título, talvez ele não fosse o empresário ideal. Maggie é bem direta com Mickey: “*Eu acho que você devia saber que eu nunca vou deixar Sr. Dunn. Então, não precisa inventar desculpas para se encontrar comigo*”.

Frankie vai até a casa de Maggie para aconselhá-la a economizar seu dinheiro e comprar uma casinha, para ela garantir seu futuro. Ele diz: “*Cometi muitos erros na vida. Só não quero que você faça o mesmo. E eu não vou viver para sempre.*”. Ele começa a aceitar várias lutas para treiná-la ao título. Maggie viaja toda a Europa lutando e vira um grande sucesso, ficando conhecida por “*Mo cuishle*”. Frankie não conta para ela o significado do nome. Quando eles voltam para os EUA, Maggie já era uma profissional respeitada. Depois disso eles receberam uma nova proposta para lutar pelo título.

Maggie compra uma casa de presente para a sua mãe. Ela chama Frankie para ir com ela em sua cidade, mostrar a casa para sua mãe. A mãe de Maggie não gosta do presente e a recebe mal, diz que tem vergonha por ela ser uma boxeadora, que as pessoas riem dela. Na estrada, voltando para casa, Maggie conta para Frankie: “*Meu pai tinha um pastor alemão, Axel. O quadril dele era tão ruim que ele se arrastava usando as patas dianteiras.. Eu e Mardell morríamos de rir enquanto ele se arrastava pelo chão da cozinha.. Papai estava tão doente na época, que nem conseguia ficar em pé, mas, uma manhã, ele se levantou, pôs Axel na picape e os dois foram para a floresta, cantando e uivando. Foi só quando ele voltou para casa à noite, sozinho que eu vi a pá na caçamba da picape. Sinto saudade de ver os dois juntos.. Eu só tenho você, Frankie.*”

“Todos os boxeadores são teimosos de um jeito ou de outro. Uma parte deles sempre acha que sabe mais do que você. A verdade é que, mesmo quando estão errados, mesmo quando essa única coisa venha ser a ruína deles, se você conseguir tirar isso deles, é porque não são boxeadores.”

Frankie marca a luta do título em Las Vegas, contra a lutadora Billie a "Urso Azul", ela tinha fama de ser a boxeadora mais desonesta da categoria. Ele diz que contará o significado de "Mo cuishle" se ela ganhar o título. Durante a difícil luta, a adversária infringe as regras diversas vezes, prejudicando Maggie. No terceiro assalto, após Frankie aconselhá-la, Maggie consegue reverter à luta e atacar de forma satisfatória. No intervalo, enquanto Maggie distraída ainda comemorava, Billie a golpeia fazendo com que caia, batendo o pescoço. Após a queda ela é levada inconsciente ao hospital.

Maggie está respirando através de aparelhos, imóvel dos pés a cabeça. Frankie a acompanha constantemente, sempre carinhoso, atencioso e muito preocupado. Depois de alguns dias, os médicos revelam o temido diagnóstico: Maggie fraturou a coluna cervical C1 e C2, danificando a sua medula de forma irreversível. Ela ficará paralisada por toda a sua vida. Frankie não aceita o diagnóstico, fica revoltado e acaba culpando Eddie: "Ela está lá deitada por sua culpa. Ficou insistindo até eu treiná-la. Eu sabia que não devia fazer isso, por ela ser uma garota. Tudo me dizia para não fazer. Tudo, menos você." A partir daí busca, desesperadamente, outros médicos na esperança de um diagnóstico diferente, mas infelizmente não encontrou nenhum que pudesse ajudá-la. Com o tempo, Maggie desenvolveu escaras, porque não podia mudar de posição. Frankie estava sempre ao seu lado, limpando sua pele, com cuidados carinhosos. Somente após dois meses ela teve estabilidade suficiente para ser transferida para um centro de reabilitação em Los Angeles.

"O centro de reabilitação que Frankie encontrou era um lugar bonito. Cuidaram bem de Maggie. Mas ela não teria reclamado. Foram várias horas diárias para prepará-la para a cadeira de rodas. Como ela não respirava sozinha, os respiradores estavam sempre ligados. O oxigênio era bombeado para dentro dela 24 horas por dia. A mãe de Maggie ligou dizendo que todos viriam fazer uma visita. Ela esperou à janela, todos os dias, nas duas semanas seguintes. Frankie finalmente os encontrou. Deixou recados, que nunca foram respondidos.."

Frankie ficava com Maggie durante todos os dias. Ela achava que sua mãe viria logo para dividir o fardo com ele. Quando finalmente sua família apareceu no centro de reabilitação, vieram todos vestidos com blusas dos parques de diversões da Disney e estavam acompanhados por um advogado. Frankie tentou impedi-los de falarem com a Maggie, pedindo que voltassem outra hora, de maneira mais apropriada, mas não conseguiu. Depois de um tempo de conversa, Maggie se decepciona, pois percebe que eles estavam apenas interessados no seu dinheiro. Ela pede para se retirarem e não voltarem nunca mais.

Maggie tem uma perna amputada em consequência de um agravamento em uma escara. Quando ela acorda da cirurgia, pede que Frankie lhe conte o significado de "Mo cuishle". Ele diz que não precisa contar, já que ela não ganhou a luta. Maggie diz a Frankie que ele lembra o seu

pai. Ele revela que estava planejando comprar uma cadeira de rodas, do tipo que opera soprando um canudinho, e pergunta se ela gostaria de estudar em uma faculdade. Maggie diz que quer lhe pedir um favor, e pergunta se ele lembra o que o pai dela fez por Axel. Frankie se assusta e fala para ela nem sequer pensar nesse assunto. Ela continua: *“Não posso ficar assim, Frankie. Não depois do que eu fiz. Eu vi o mundo. As pessoas cantaram meu nome. Bom, não o meu nome, o que você me deu, mas cantaram para mim. Apareci em revistas. Acha que eu imaginei que isso aconteceria? Eu nasci com 1,3 kg. Papai me dizia que eu lutei para chegar ao mundo e que eu lutaria para sair. É tudo que eu quero. Só não quero brigar com você por isso. Consegui o que eu queria. Consegui tudo. Não deixe que eles me tirem isso. Não me deixe deitada aqui até eu não ouvir mais as pessoas cantando.”* Frankie diz que não pode fazer isso, que ela não pedisse para ele fazer isso, mas ela diz que está pedindo a ele.

“No meio da noite, Maggie achou sua própria solução. Mordeu a língua e quase sangrou até morrer antes de levar pontos. Então, acordou e os arrancou antes de Frankie chegar lá. Eles costuraram de novo e protegeram para ela não morder.”

Frankie desnortado, buscando ajuda, foi conversar com o padre. Ele diz que ela quer morrer, e ele deseja mantê-la viva junto dele, mas ele sabe que a mantendo viva, ele a está matando. O padre o aconselha para não fazer isso, pois se fizer, não irá se perdoar e estará profundamente perdido para sempre.

Maggie está sendo mantida sedada para não fazer novas tentativas. Frankie a observa aflito e toma uma decisão. Na academia, ele conversa com Eddie e revela que se sente culpado por Maggie. Eddie diz que ele não é culpado, que por causa dele, Maggie teve a sua chance e se ela morresse hoje seu último pensamento seria: *“Acho que me saí bem”*.

Frankie vai, no meio da noite, ao centro de reabilitação. Ele diz para Maggie que vai desligar o respirador e depois lhe dar uma injeção, para ela não acordar mais. E revela que *“Mo cuishle”* significa *“minha querida, meu sangue”* e lhe dá um beijo na face. Ela sorri e chora aliviada.

“Ele deu uma única injeção. Era adrenalina suficiente para fazer o trabalho várias vezes. Ele não queria que ela passasse por isso de novo. Então, foi embora. Acho que ele não tinha mais nada. Eu voltei à academia. Esperei, achando que ele apareceria cedo ou tarde.. Frankie nunca voltou. Ele não deixou um bilhete, e ninguém sabia onde ele estava. Eu esperava que ele tivesse ido procurar você e pedir mais uma vez que você lhe perdoasse. Mas talvez ele não tivesse mais nada no coração. Só espero que ele tenha encontrado um pouco de paz, em um

lugar no meio do nada, entre cedros e carvalhos. Mas isso talvez seja uma ilusão. Não importa onde ele esteja, acho que você deveria saber que tipo de homem seu pai era.”

4. A RESPONSABILIDADE POR OUTREM

A responsabilidade é o que exclusivamente me incube e que, humanamente, não posso recusar. Este encargo é uma suprema dignidade do único. Eu, não intercambiável, sou eu apenas na medida em que sou responsável. Posso substituir a todos, mas ninguém pode me substituir-me. Tal é a minha identidade inalienável de sujeito. É precisamente neste sentido que Dostoievsky afirma: ‘Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros’. (LÉVINAS, 1988, p.93)

Frankie Dunn é uma pessoa fechada e amargurada, marcado por grandes mágoas em sua vida. Passou os últimos 23 anos indo à missa quase todos os dias, e como o padre falou: “*uma pessoa só vai tanto à igreja se não consegue se perdoar*”. Ele sentia profundamente o peso da responsabilidade. Há 23 anos, ele se sente responsável por seu amigo Eddie ter perdido a visão de um olho. E desde então, Frankie evita se relacionar ao máximo, tentando evitar, dessa forma, se envolver, se magoar e se responsabilizar. Ele sente uma enorme dificuldade de se abrir ao Outro. A sua regra básica para a vida e que ele ensinava para todos os seus lutadores: “*Sempre se proteger*”.

“A Ética surge como obsessão pelo *Outro*, pela alteridade do *Rosto*, numa *responsabilidade* irrecusável para com ele, a partir de uma identidade injustificável que é puro sinal feito a outrem – *me voici* (eis-me).” (FREIRE, 2002, p.56). Para Lévinas (1988), em termos éticos, a responsabilidade por outrem é a estrutura fundamental da subjetividade. “O eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros.” (LÉVINAS, 1988, p.91). Essa relação com o Outro é não-simétrica, ou seja, sou responsável por ele, sem esperar recíproca. Era assim que Frankie se sentia quando se abria para o Outro: uma responsabilidade maior para com o próximo. E por isso, era persistente e dedicado, escrevendo semanalmente para sua filha, apesar de não obter resposta alguma. Também por isso, passou os últimos 23 anos se culpando por algo que, na verdade, não estava ao seu alcance evitar.

4.1 Proximidade

O laço com outrem só se aperta como responsabilidade, quer esta seja, aliás, aceite ou rejeitada, se saiba ou não como assumi-la, possamos ou não fazer qualquer coisa de concreto por outrem. Dizer: eis-me aqui. Fazer alguma coisa por outrem. Dar. Ser espírito humano é isso.(LÉVINAS, 1988, p.89)

O outro se aproxima de mim, enquanto sou responsável por ele. Quando Frankie aceitava treinar um boxeador, aceitava também ser responsável por este. Ele resistiu ao máximo treinar Maggie, pois não queria se responsabilizar por ela. Quando a aceitou, inicialmente, impôs várias condições: *“Se eu treinar você, não diga nada. Não me questione. Não pergunte ‘por quê?’ , não diga nada, exceto, talvez, ‘sim, Frankie’. E eu vou tentar esquecer o fato de que você é uma garota. É tudo que eu peço. E não chore se você se machucar. Vou ensinar você a lutar, vamos achar um treinador, e eu caio fora. Vou lhe ensinar tudo o que precisa saber para ganhar US\$ 1 milhão. Não me interessa. Se perder os dentes, não me interessa. Não quero ouvir nada. É assim que vai ser. São as minhas condições.”*. Era uma tentativa de não se envolver com Maggie, de não se machucar. Ele tenta fugir da responsabilidade, mas não consegue. Quando a entregou para outro treinador e a viu lutando pela primeira vez, logo se arrependeu, pois sentiu o peso da responsabilidade e a necessidade de cuidar dela. E quando Maggie pergunta se ele irá abandoná-la novamente, ele responde *“Nunca”*. Na sua relação com Maggie, é a partir desse momento, que Frankie se abre completamente para a responsabilidade, para a proximidade.

Na proximidade, a minha diferença com relação ao Outro se transforma em não-indiferença pelo outro. Essa obsessão pelo outro é da ordem de uma responsabilidade a mais responsável, pois respondo até mesmo pela responsabilidade do outro. (FREIRE, 2002, p.56)

A ética surge a partir dessa proximidade, como obsessão pelo outro, por uma responsabilidade irrecusável para com ele.

4.2 Sensibilidade (Vulnerabilidade)

Sentir é deixar-se afetar por Outro, é estar preocupado por ele, é ser sensível a ele. É uma passividade ao outro, uma abertura, uma exposição. É fragilidade e vulnerabilidade. “A subjetividade do sujeito é sujeição, a tudo e a todos – vulnerabilidade e sensibilidade – passividade radical. Essa passividade ao Outro vem a ser [...] um traumatismo, um tornar-se refém, um estar exposto à ferida e ao ultraje. É já expiação.” (FREIRE, 2002, p. 53-54).

É dessa vulnerabilidade, sensibilidade, que Frankie tenta fugir, afastando-se das pessoas, evitando ao máximo se envolver, se responsabilizar. Quando ele aceita Maggie como sua lutadora, abre-se para a *sensibilidade*. Em uma relação construída diariamente, ensina, cuidadosamente e pacientemente, tudo que ela precisa saber para ser uma profissional respeitada, constantemente lembrando a regra essencial: *“sempre se proteger”*. É cauteloso ao tomar

decisões, sempre tentando protegê-la ao máximo. Protelou diversas vezes lutas importantes, pois acreditava que ela ainda não estava preparada, que ela não se protegia bem: “*Se aprendesse a proteger o rosto, eu não recusaria esse dinheiro*”. Chegou até a pagar lutas, para não ter que mudá-la de categoria. A sua preocupação vai além da vida profissional de Maggie, queria que ela tivesse uma vida digna, que poupasse dinheiro para o seu futuro, que ela pudesse comprar uma casa: “*Cometi muitos erros na vida. Só não quero que você faça o mesmo. E eu não vou viver para sempre.*”.

4.4 Paternidade

O facto de ver as possibilidades do outro como as minhas próprias possibilidades, de poder sair do fechamento da minha identidade e do que me foi concedido para algo que não me foi concedido e que, apesar de tudo, é meu – eis a paternidade. [...] mas pode perfeitamente conceber-se a filialidade como uma relação entre seres humanos sem laço de parentesco biológico. Pode ter-se, a respeito de outrem, uma atitude paternal. Considerar outrem como seu filho é precisamente estabelecer com ele as relações que designo ‘para além do possível’. (LÉVINAS, 1988, p.63)

O esforço de uma aproximação pode resultar na constituição de uma relação de paternidade e “filialidade”. Maggie é para Frankie “*Mo cuishle*”, “Minha querida, meu sangue”. Na abertura a proximidade e sensibilidade, Frankie desenvolveu por Maggie um amor paternal, construindo uma relação especial. “Na paternidade, o eu se liberta de si mesmo sem deixar de ser um eu. Retomando a questão do tempo, na paternidade, o Eu se prolonga no Outro, é-se outro continuando a ser-se o próprio.” (FREIRE, 2002, p. 50).

4.4 Hospitalidade

[...] a humanidade do homem se caracteriza por uma hospitalidade em relação à visitação do outro. Essa abertura ao Outro, embora significando uma responsabilidade radical para com o próximo, não é fruto de uma intencionalidade, mas de uma sensibilidade onde o Eu deixa-se impactar pelo estranho, pelo externo, pela alteridade – e tornar-se-á refém do Outro. (FREIRE, 2002, p. 51)

Quando Frankie se abre para *sensibilidade*, essa abertura ao outro é caracterizada por uma hospitalidade, que é o acolhimento do próximo. Esse acolhimento é realizado por meio da afetividade. Não é pela via do saber que se chega ao outro é pela afetividade: deixar-se afetar é a condição para se constituir como sujeito.

Além de se preocupar e se responsabilizar por Maggie, ele a acolhe carinhosamente, pois deseja dar a ela o melhor tratamento possível. Quando, Maggie está no hospital, paralisada, Frankie assume todas as responsabilidades pelo seu cuidado. E ainda vai mais além, carinhosamente fica ao seu lado, todos os dias, se mostrando sempre presente, revelando uma verdadeira dedicação. Apesar de ter enfermeiras, ele mesmo cuida da pele de Maggie, limpando e tratando suas escaras.

4.5 Ser-por-outrem-em-sua-morte

“O medo e a responsabilidade pela morte do outro homem é, num certo sentido, uma responsabilidade à frente do inexorável, é, em última análise, obrigação de não deixar o outro homem sozinho face à morte.” (NUNES, 1993 apud FREIRE, 2002, p. 47). Quando Maggie decide que não deseja mais viver, ela pede a ajuda de Frankie: *“Não posso ficar assim, Frankie. Não depois do que eu fiz. Eu vi o mundo. As pessoas cantaram meu nome. Bom, não o meu nome, o que você me deu, mas cantaram para mim. Apareci em revistas. Acha que eu imaginei que isso aconteceria? Eu nasci com 1,3 kg. Papai me dizia que eu lutei para chegar ao mundo e que eu lutaria para sair. É tudo que eu quero. Só não quero brigar com você por isso. Consegui o que eu queria. Consegui tudo. Não deixe que eles me tirem isso. Não me deixe deitada aqui até eu não ouvir mais as pessoas cantando.”* Ele fica assustado e não aceita, pois não esperava por isso, estava fazendo planos para a vida dela. Mas o seu desejo era real e apesar de todas as limitações, ela encontra um meio de tentar encerrar sua vida, mordeu a língua e quase sangrou até morrer. Foram diversas tentativas, até que a mantiveram sedada para impedi-la.

Amar o Outro é temer a sua morte, destruir fisicamente ou moralmente, forma de eliminar a diferença do Outro. Frankie fica aflito, não sabe que atitude tomar, mas sabe que mantendo-a fisicamente viva, está matando-a moralmente. Atordoado, conversando com o padre ele revelou: *“Mas agora ela quer morrer, e eu quero mantê-la comigo. É, eu juro por Deus, padre... fazer isso é pecado. Mantendo-a viva, eu a estou matando. Você entende? O que eu faço?”*. Uma das coisas mais difíceis é aceitar, respeitar a diferença do outro. Ele sabe qual é a decisão de Maggie, mas tem uma enorme dificuldade em aceitar e respeitar.

Mas amar é doação, ser pelo e para o Outro, assistir o outro em sua morte, preocupar-se com a morte dele; estar com ele. E apesar de desejar Maggie viva, Frankie decide respeitar a sua decisão, e aceita ajudá-la, acolhendo-a carinhosamente no momento de sua morte. “O outro chega-me com sua morte, pela qual já sou culpado, na qual sou convidado a assisti-lo e além da qual minha própria morte aguarda sua vez.” (FREIRE, 2002, p. 47). Em uma relação assimétrica, o sujeito é um ser sujeitado, fragilizado na sua vulnerabilidade por sua condição passiva em relação ao Outro. Frankie colocou a vontade de Maggie acima da sua própria vontade, sabendo que isso poderia causar a sua própria morte moral.

5. CONCLUSÃO

A subjetividade não é um para si: ela é, mais uma vez, inicialmente para outro. A proximidade de outrem está apresentada [...] como o fato de que outrem não está simplesmente próximo de mim no espaço, ou próximo como um parente, mas que se aproxima essencialmente de mim enquanto me sinto – enquanto sou – responsável por ele. (LÉVINAS, 1988, p.88)

Em um processo infinito, o outro me toca, me afeta, me desestrutura. Amargurado por sofrimentos anteriores, Frankie vivia, fugindo desse processo com o Outro, tentando evitar a proximidade e a sensibilidade. Mas não é pela via do saber que se chega ao Outro é pela afetividade. Deixar-se afetar é a condição para se constituir como sujeito. “O sujeito é para o outro, ‘pré-originariamente’. Sofre pelo sofrimento do outro, responsabiliza-se pelo outro e pela responsabilidade do outro.” (FREIRE, 2002, p.52).

Na sua relação com Maggie, apesar da resistência inicial, por meio da *sensibilidade* e *hospitalidade* (acolhimento) ele se abre e se expõe completamente, tornando-se *refém*. A ética surge a partir dessa proximidade, como obsessão pelo outro, por uma responsabilidade irrecusável para com ele. Seu esforço de aproximação resulta em uma relação de paternidade e “filialidade”. O amor que Frankie sente por Maggie é doação, é ser pelo e para o Outro, é respeitar e aceitar a diferença, é responsabilidade.

6. BIBLIOGRAFIA

ADORO CINEMA. **Menina de Ouro**. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com.br/filmes/menina-de-ouro/menina-de-ouro.asp>> Último
acesso em: 2 de maio. 2009

BATISTA, João Bosco. O tema do outro e da justiça em Emmanuel Levinas. In: CARVALHO, José Mauricio de (Org). **Problemas e teorias da ética contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 253-269.

FREIRE, José Celio. **AS PSICOLOGIAS NA MODERNIDADE TARDIA: O LUGAR VACANTE DO OUTRO**. Psicol. USP, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 abr. 2009. doi: 10.1590/S0103-65642001000200005.

FREIRE, José Célio. A ética Levinasiana. In: FREIRE, José Célio. **O lugar do Outro na modernidade tardia**. São Paulo, Annablume, 2002, p.35-64.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**: dialogos com Philippe Nemo . Lisboa: Edições 70, 1988.

MILLION DOLLAR BABY. Direção: Clint Eastwood. Produção: Clint Eastwood, Paul Haggis, Tom Rosenberg e Albert S. Ruddy . EUA, 2004.